

### *Ronaldo, absolvido pelo facilitário*

Há de ser notada, no tom destas páginas, mudanças de linguagem, endurecimento, expressões mais fortes, aparente desrespeito a uma função nobre que é a do juiz. Se, de suave nas palavras e duro nos fatos, o repórter passa agora à dureza nas palavras e nos fatos, a isso obrigaram-no os parceiros do Juiz Souza Netto na batalha da impronúncia, trazendo esta luta, que se mantinha no terreno livre das teses e das doutrinas, ao campo rasteiro onde conseguem as suas vitórias, sabe Deus e o Jockey Club de que maneira. Pois, aceitemos a luta nesse terreno do adversário. Mude-mos, portanto, de estilo. Do florete passemos ao cacête.

Imaginemos o banquete que certos advogados de porta de xadrez e alguns serventuários da Justiça — ah, a boa-fé, os corações puros que teimam em fechar os olhos, a tôdas as evidências! — vão oferecer, ou já ofereceram, ao Juiz Souza Netto. Banquete de Desagravo, dizem êles. Banquete da Impronúncia, dizemos nós. Lá estará o Doutor Mário



Figueiredo, que conseguiu do Juiz Souza Netto a impronúncia do Fernandinho, o Rei do Contrabando, acusado de vários crimes; lá estará o Doutor Wilson Lopes dos Santos, o advogado de tôdas as boas causas do 1º Tribunal do Júri, o mesmo que conseguiu a impronúncia de Ronaldo (o porteiro veio de lambujem) e lá estarão os advogados de tôdas as impronúncias da côrte impronunciadora do homenageado. A do assassino do castiçal, que também teve a benemerência revogada em instância mais alta. E outros, muitos outros.

Só faltava, no Banquete da Impronúncia, um talher.

O talher do pai de Ronaldo, o talher de quem paga a festa mas não assiste a ela.

O banquete estava marcado para quinta-feira. Mas, na quinta-feira, não podia ser. (Vide a pauta do julgamento no 1º Tribunal do Júri, no “Diário de Justiça”. Por ali se observa — estranha coincidência — que não há julgamento às quintas-feiras, dia de corridas de cavalos.) E estou a lembrar-me da cara do Bréa, o honestíssimo escrivão do mesmíssimo tribunal, pressionado pela família de um presidiário cujo alvará de liberdade dependia de assinatura, e foi buscá-la por entre as acumuladas e os “bettings”, na tribuna social do Jockey Club.

— Whinethout...

— Dá-lhe, Rigoni.

— Velite...

— Dá-lhe, Bequinho...

— Êxtase...

— Dá-lhe, Ulloa!

— Ronaldo...

— Dá-lhe...

Quem é o jóquei de Ronaldo, êsse parceiro espetacular, de pule alta no páreo da justiça?

Quem é o tratador dêsse cavalinho puro-sangue, rico, cevado a leite e de patas lustrosas, a esperar, fogoso, dentro



do haras e fora do haras, que lhe tragam novas matrizes, para castigar com a sua indiferente bestialidade?

Quem é o treinador dêsse potro selvagem e lúbrico, qual é o orientador de seus tiros na raia, de suas corridas, de sua apresentação?

Quem é o dono do páreo?

Está faltando outro talher no Banquete da Impronúncia. O de uma viúva pobre, de rosto macerado, uma viúva que perdeu a filha e a vê depois de morta arrastada à rua, à lama, pelas próprias frases de um juiz que se proclama culto e irrepreensível. Está faltando, nesse banquete, um talher para a mãe de Aída.